

**UM CONFLITO DE MEMÓRIAS:
A MEMÓRIA SINGULAR EM LUTA COM A MEMÓRIA CULTURAL**
(Leitura da *Escola das Mulheres* de Molière)

Philippe Willemart*

RESUMO: *A concepção do inconsciente de Lacan engloba o inconsciente freudiano e permite ultrapassar as leituras redutoras das obras literárias como o propomos para a análise da Escola das mulheres de Molière. A peça revela um conflito de memórias onde uma, a de uma personagem, está bloqueada sobre uma palavra que o desenrolar da intriga esvazia pouco a pouco a fim de que esta memória singular e neurótica reintegre a memória cultural.*

PALAVRAS-CHAVE: *Molière, Édipo, linguagem, memória, inconsciente*

Diferenciar o complexo de Édipo do mito permite definir o além do complexo de Édipo elaborado por Jacques Lacan na sua releitura de Freud e ajuda o crítico a não reduzir a obra literária a uma simples aplicação do Édipo freudiano, mas, pelo contrário, a descobrir “parâmetros escondidos” (Thom, 1983:83) que definem a singularidade da obra.

O mito é sempre uma história ou uma lenda coletiva, sem autor individual, atemporal, com caráter de ficção que tenta conciliar verdades (ou consistências imaginárias) que não podem coexistir (Lacan, 1994:369)¹. Dois exemplos ilustram esse conceito: o mito de Édipo e as teorias da sexualidade das crianças. O primeiro concilia assassinato, incesto e casamento - Laio assassinado e Jocasta casando com o filho -, vontade dos deuses e vontade dos homens; fatos que, embora incoerentes, são parecidos ou pelo menos tem uma relação comum (Lacan, 1994:255)². O segundo, as teorias da sexualidade das crianças, tenta conciliar a chegada de um irmão com o amor da mãe ou do pai (Freud, 1923:92). A criança deseja continuar a ser a única amada e não tolera a vinda de um segundo filho; nesta aparente incoerência, a

* Universidade de São Paulo.

1 “espèce de contradiction interne qui nous fait souvent supposer dans les mythes qu’il y a incohérence, confusion de deux histoires, alors qu’en réalité, l’auteur, qu’il s’agisse d’Homère ou du petit Hans, est en proie à une contradiction qui est simplement celle de deux registres essentiellement différents”.

2 “un inceste et un meurtre sont choses équivalentes, transformation aperçue par l’étude structurale des mythes ... inceste à la première génération, frères jumeaux à la seconde (d’où meurtre de Polynice chez Antigone)”.

WILLEMART, Philippe. *Um conflito de memórias: A memória singular em luta com a memória cultural (Leitura da Escola das Mulheres de Molière)*

situação é parecida com o mito. A literatura universal exemplifica estas teorias: Jesus é concebido pela palavra do anjo Gabriel na *Bíblia*; a personagem Gargantua nasce pelo ouvido no primeiro livro de Rabelais; a inocente Agnès admite a origem auricular das crianças na *Escola das Mulheres* de Molière; mas, como o relata Freud, existem outras lucubrações que determinam o nascimento pelo seio, pelo intestino, pela cegonha, etc. que são inventadas para mascarar as relações sexuais entre os pais.

AS RELAÇÕES ENTRE O MITO E O COMPLEXO

O complexo não decorre de uma história coletiva sem autor reconhecido e fora do tempo como o mito. O complexo de Édipo, particularmente, como todos os outros complexos, sempre é individual e designa, “uma estrutura fundamental de relações pessoais e a maneira com a qual a pessoa encontra seu lugar na estrutura, isto é, entre o pai e a mãe, e se firma nela” (Laplanche, 1973:73). Diria que o mito dá a matéria e o sujeito dá o sentido como as lendas da Bretanha deram a matéria dos romances de Chrétien de Troyes e o autor lhes deu a forma.

O QUE O COMPLEXO PEDE EMPRESTADO AO MITO DE ÉDIPO

O mito encena os três personagens indispensáveis, Édipo, Laio e Jocasta e salienta a ignorância de Édipo, que mais tarde será identificada com o inconsciente. Édipo, não querendo se submeter ao destino que lhe dizia que iria matar o pai e desposar a mãe, foge de Corinto, terra de seus pais adotivos, o que ele ignorava; sem saber executa o oráculo.

A ignorância da origem verdadeira ou de uma memória particular provocou o drama. Édipo, embora avisado, não quis saber de sua verdadeira origem, preferiu acreditar na paternidade de Polybe e fugiu. Não foi a fundo na procura da verdade e assim, foi enganado e obedeceu ao oráculo.

Houve deslocamento da origem aliado a um não querer saber a verdade. Édipo achava que sua história começava com Polybe e Merope e ignorou a etapa da vida que ia de sua concepção até três dias (Sófocles. 1988:222); em outras palavras, esqueceu uma de suas memórias, evitou uma das variáveis essenciais de sua história, não querendo saber de seus verdadeiros genitores; trocou de pais e de pais.

Cego e iludido, fazendo de conta que não existia essa etapa, isto é, tendo um ponto cego na sua história porque não prestou atenção à palavra de um homem bêbado que o chamou de “criança suposta” (Sófocles. 1988:224), vivendo na ilusão e no Imaginário de uma filiação verdadeira embora adotiva, sentado num falso parentesco, deslocado no Simbólico,

mata um estrangeiro no caminho de Tebas, enfrenta a Esfinge, libera Tebas da peste e casa com sua mãe Jocasta.

Édipo tinha uma leitura exata dos acontecimentos de sua vida, mas seu ângulo de visão estava estreito demais e não abrangia a totalidade de sua história. A etapa ou a memória burlada e escondida lhe teria oferecido uma interpretação exata de seu destino, mas não o sabendo, deixou-se levar por esse tempo ignorado e cumpriu o oráculo.

Relendo assim o mito, posso destacar elementos essenciais que serão recuperados no complexo de Édipo:

1) Parece claro que o mito é baseado no desconhecimento de um período da vida que recobre a vida sexual dos pais relacionada com o nascimento do filho. 2) essa ignorância cultivada, provoca uma inversão na conduta humana: o homem apesar de sua pretensão de guiar seu destino, é guiado e faz o que ele não quer. 3) Édipo, sabendo a verdade e a revelando para todos, provoca o suicídio de Jocasta, arranca seus olhos que o enganaram “para não ver, nem o mal que sofri, nem aquele que eu causei” (Sófocles.1988:242) e segue seu destino acompanhado de suas filhas, abandonando a situação falsa na qual se encontrava. Forçado a conhecer seu verdadeiro passado ou todas suas memórias, ele prefere cegar o resto da realidade e andar inteiramente na escuridão, desconfiando de seus olhos e do olhar enganador que não dimensiona suficientemente os fatos.

O complexo de Édipo trata portanto desta etapa da vida antes do nascimento que depende das relações sexuais entre os pais e que é lembrada na ocasião do nascimento de um irmão/ã ou de um primo/a. A criança tenta conciliar os fatos - a realidade do nascimento - com o desejo de ser a única amada pelos pais e, especialmente, pela mãe. Freud descobriu assim uma das chaves que explica, mas não cura necessariamente, muitas neuroses, psicoses e perversões. De fato, muitos comportamentos, angústias, relatos de sonhos, contos e romances, encontram uma explicação possível nessas relações extremamente complexas entre os pais e a criança.

Freud distingue a fase pré-genital e a fase genital, fases que observamos facilmente nos filhos e sobrinhos. A primeira se manifesta quando a criança de três anos em geral chama a mãe de “florzinha”, “algodão doce”, “minha verdurinha”, “minha mulher”, se queixa que a mãe fica muito tempo no quarto com o pai ou o expulsa da cama, entrando em conflito aberto com ele. “Ele acha que pode satisfazer a mãe, como criança e quanto ao desejo dela”. (Lacan.1994:225)

Esta fase termina quando percebe a pequenez de seu pênis, ao ocorrerem as primeiras masturbações, e constata que não tem condições de brigar com o pai. A saída do complexo de Édipo é fácil de entender. Já que essas fases pré-genital e genital consistem em imaginar uma relação incestuosa com a mãe, a saída se resume na instalação da lei fundamental proibindo o incesto, “lei recalçada no inconsciente /.../ (e a instalação) da consciência moral que